

9 A 30
JUNHO
2022

TEATRO
BERNARDIM
RIBEIRO



ESTREMOZ



EXPOSIÇÃO

ENTRADAS RÉGIAS EM ESTREMOZ

1619 - 1898

FICHA TÉCNICA

Título

Entradas Régias em Estremoz: 1619 - 1898

Edição

Câmara Municipal de Estremoz

Organização

Arquivo Municipal de Estremoz

Coordenação

Paula Gonçalves

Pesquisa documental e textos

Sílvia Arvana Russo

Fotografias

Biblioteca Municipal/Arquivo Fotográfico

Design

Gabinete de Comunicação, Eventos e Desenvolvimento Turístico

Impressão

Gabinete de Comunicação, Eventos e Desenvolvimento Turístico

Estremoz, Junho de 2022

ÍNDICE

Apresentação	3
Breve Panorama de Estremoz	4
Recordar as visitas reais a Estremoz:1619 - 1898	11
- D. Filipe III de Espanha - O Piedoso	12
- D. João V - O Magnânimo	16
- D. José I - O Reformador	20
- D. Carlos I - O Diplomata	24
- D. Amélia - A rainha que deixou o coração em Portugal	28
Fontes e Bibliografia	34

APRESENTAÇÃO

A entrada de um monarca numa vila ou cidade levava quase sempre a manifestações de respeito e regozijo por parte dos seus habitantes ou então a grandes festejos no caso das entradas públicas, também designadas por entradas régias. Uma carta régia anunciava às entidades mais representativas da vila ou cidade o acontecimento que daria origem aos festejos. Numa segunda fase seria feita a divulgação da notícia à população e convidando a população a participar. A entrada pública seguia as formalidades habituais em semelhantes ocasiões.

A duração dos festejos nem sempre era igual, muitas vezes dependia, além de outros fatores, da disponibilidade financeira da terra que os promoviam. Os festejos eram financiados pela câmara, sendo por vezes necessário a angariação de fundos. O espaço da festa era dividido por espaços exteriores e interiores, sendo que os primeiros eram por excelência as praças, as ruas e os segundos as igrejas, palácios, etc... A decoração era essencial e a mais importante forma de decoração era a luz introduzida nos espaços através das luminárias. As estruturas comemorativas também faziam parte dos festejos, sendo as mais importantes e representativas: os arcos de triunfo. Além destas estruturas havia outras que eram construídas para darem resposta a algumas partes dos programas, tais como as toureadas. Durante os festejos, o exercício da caridade estava sempre presente,

através de esmolas, jantares e ceias aos presos e dotes a órfãs.

Não só nos momentos felizes a Família Real era acompanhada mas também em períodos de tristeza. O falecimento do rei também mobilizava a população, após o funeral sucediam-se as exéquias na capital, nas vilas e cidades do reino e fora dele.

Passados 403 anos, o Arquivo Municipal decidiu evidenciar, através de uma exposição, as figuras régias que visitaram Estremoz e a forma como tudo era preparado para a sua receção. Esperamos que possam apreciar a arte de bem receber da Muito Nobre e Sempre Leal Vila de Estremoz.

BREVE PANORAMA DE ESTREMOZ



Fig. 1 - Planta da Praça-forte de Estremoz entre 1680 e 1690. Extraído do manuscrito iconográfico "Praças fortes em Portugal", sem autor, sem capa e numeração e sem data. Disponível em: https://www.fortalezasmultimedia.ufsc.br/midias/jpg_originais/01974_008952.jpg

D. Afonso III outorga foral a Estremoz em 1258 e logo depois manda reforçar a defesa e construir a cerca da vila. A torre de menagem foi erguida posteriormente, em 1260.

A corte portuguesa teve por vezes assento no Alentejo. O monarca que mostrou essa preferência foi D. Dinis, que construiu palácio e nele teve temporadas de residência. Sua esposa D. Isabel acompanhava-o nessas perma-

nências em Estremoz. Após a morte de D. Dinis, em 1325, D. Isabel recolheu-se no Mosteiro de Santa Clara-a-Velha em Coimbra voltando a sair dele nos finais de junho de 1336 quando se deslocou a Estremoz, decidida a impedir o filho de entrar em guerra com Castela. Depois de alguns dias de viagem, chega a Estremoz doente, vindo a falecer nesta vila a 4 de Julho 1336.

Estando em Estremoz, em Janeiro de

1367, D. Pedro I adoeceu gravemente e na madrugada do dia 18 de Janeiro, com apenas quarenta e seis anos, veio a falecer. Somente dois dias depois, o seu herdeiro D. Fernando conseguiu chegar a Estremoz para acompanhar o corpo do pai até ao Mosteiro de Alcobça.

Nas guerras pela independência Estremoz foi centro de primeira importância. Serviu várias vezes de local de aquartelamento das tropas fiéis a Nuno Álvares Pereira, que daqui atacavam os invasores castelhanos. Desta terra partiu o Santo Condestável para a famosa Batalha dos Atoleiros.

Em 1512, a povoação de Estremoz recebeu um novo foral atribuído por D. Manuel I.

No período da Guerra da Restauração, entre 1640 a 1668, a praça de Estremoz foi ampliada e dotada de um sistema defensivo abaluartado. Os militares aqui aquartelados combateram em diversas batalhas como a das Linhas de Elvas, a Batalha do Ameixial ou a de Montes Claros.

Em finais de maio de 1645, em vereação o Capitão-Mor Rui de Brito Falcão informou que as trincheiras da vila estavam em muitas partes arruinadas e caídas e o real d'água da vila tinha sido aplicado nas fortificações das fronteiras por ordem de Sua Majestade e só depois fariam as fortificações da vila. Assim sendo, era necessário acudir à reparação das trincheiras e para isso a contribuição de todas as pessoas da vila era essencial. Em 13 de julho os misteres do povo informavam que o reparo das trincheiras estava acabado. Em março de 1646 os doze do povo e os misteres do povo requereram que o real d'água fosse aplicado, com brevidade,

na fortificação da vila, uma vez que na praça estavam todas as munições e mantimentos para acudir às outras praças. Estando a praça aberta o inimigo poderia entrar nela queimando-a e saqueando-a.

Em abril de 1646 há notícia de que havia escassez de carne, pois havia muitas pessoas que compravam gado na vila e o levavam para fora. Havendo gente a entrar e a sair para as fronteiras, gente de guerra a quem era necessário acudir com sustento, tornava-se urgente impedir a compra e a venda para fora. Em março de 1648 surgiu a falta de pão na vila, foi necessário ir à cidade de Lisboa comprar 600 mil reis de trigo. Foi eleito para ir a Lisboa buscar o trigo, Manuel Martins Prioste, morador na vila, o qual se obrigou a trazê-lo até à Porta Nova para se vender por ordem do Juiz de Fora e vereadores.

Em inícios de fevereiro de 1662 foi deliberado requerer autorização de Sua Majestade para derrubar casas para se fechar a fortificação do castelo da vila. Durante os trabalhos nas fortificações, as pessoas quem se ausentassem deles eram estropiadas.

De acordo com a ata da vereação de 17 de outubro 1663, Sua Majestade, através de carta de 10 de setembro, terá ordenado que se fizessem quartéis na vila para alojamento de Infantaria, o que de certa forma aliviava os moradores das opressões que tinham com os alojamentos. Em março de 1664 a obra de pedra, barro e reboco foi arrematada por João Pereira.

No ano de 1689 constava que *“a praça pública, no castelo, não tinha mais do que o nome, pois estava inabitada de gente, as casas da câmara não tinham janelas para a praça, o teto de madeira*

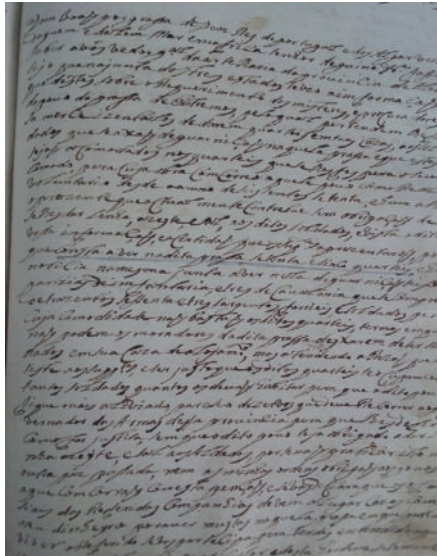


Fig. 2 - Existência de 75 quartéis na praça.1716

AMETZ. Livro e Tombo em que se lançam e tresladam todas as provisões, alvarás, privilégios, mercês, liberdades.1620 – 1746.

estava arruinado e espedado, o sobrado não se podia andar nele e a casa das audiências, que era de abobada no teto, estava em ruína". Em finais de setembro de 1689, foi feita uma petição ao rei para se mudarem as vereações das casas do castelo para as casas no Terreiro de St.º André. Os Paços do Concelho terão sido fixados na referida praça antes da petição uma vez que na margem esquerda da ata da vereação de dia 10 de setembro de 1689 está escrito "esta foi a primeira câmara que se fez nas casas da Baranda".

Em abril de 1692 foi arrematada a obra da ponte da Arraiona a Manuel Rodrigues Belmonte e em junho do mesmo ano foram arrematadas as calçadas da estrada de Elvas.

A 17 de agosto de 1698 deu-se a explosão do paiol de pólvora, que danificou várias habitações que D. João V mandou reconstruir.

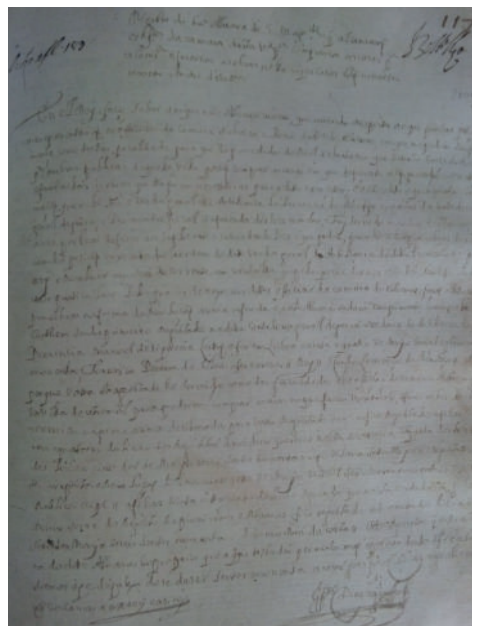
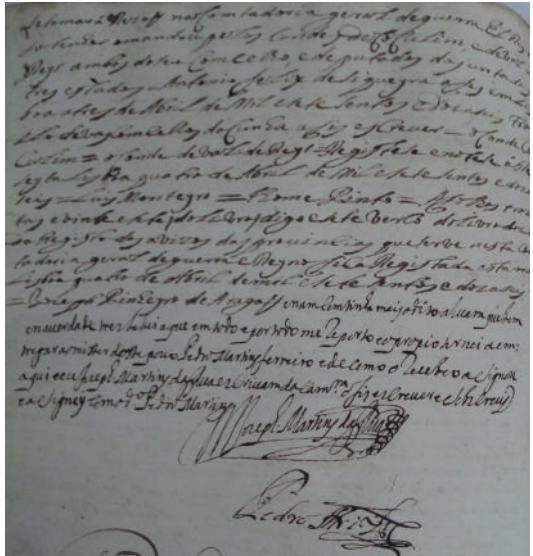


Fig. 3 - Alvará sobre o real de água voluntário para construção de quartéis.1671

AMETZ. Livro e Tombo em que se lançam e tresladam todas as provisões, alvarás, privilégios, mercês, liberdades.1620 – 1746



Fig. 4 - Fonte das Bicas. Fotografia cedida pela Biblioteca Municipal de Estremoz/Arquivo Fotográfico

Em setembro de 1722 a Fonte Nova do Rossio carecia de conserto de paredes e canos que iam desta para o Lago Grande e em junho de 1723 os misteres do povo informavam que a Fonte das Bicas também necessitava de reparação. A arrematação da obra da Fonte das Bicas (pedraria e alvenaria) só se veio a concretizar em março de 1737. Ao que tudo indica, as obras da Fonte das Bicas foram sendo feitas aos poucos uma vez que o concerto das grades da mesma foram arrematadas em abril de 1744. Em março de 1755 há indicação de que a Fonte das Bicas estava arruinada e as grades desconcertadas. Em finais de julho, o Procurador do Concelho dava conta que a Fonte Redonda estava muito destruída. A arrematação veio a efetuar-se em finais

de agosto do dito ano. Incluía pedestal e bicas de pedra mármore, carrancas em pedra e bocais de bronze novos, tanque consertado, colocação de pilares que faltavam e grades de ferro bem chumbadas. Também foi contemplado a reparação do interior do tanque das lavadeiras, a colocação das pedras que faltavam e uma bica de pedra.

Em julho de 1738 foi colocada em praça a obra das armas reais da casa da câmara, sendo a mesma arrematada em janeiro de 1739 a Manuel Francisco, mestre canteiro. Em julho de 1739, Francisco Freire, mestre entalhador e morador em Vila Viçosa, que na altura era assistente na vila na obra do armazém do castelo, arrematou a obra das armas reais da casa da câmara.

Em julho de 1742 os misteres do povo requeriam a continuação das obras nas casas que a câmara tinha comprado, anexas às das vereações, para a aposentadoria dos Ministros da Correição e para casa do peixe.

Em maio de 1746 Gaspar Rodrigues terá arrematado o conserto da Ponte da Ribeira de Tera, que incluía calçada de pedra miúda e parapeito de pedra e cal.

Em finais de janeiro de 1756 era necessário consertar os telhados das casas da aposentadoria pelos estragos causados pelo terramoto.

Em sessão de 12 de outubro de 1757 foi chamada a nobreza para votar num requerimento que o senado fez no ano de 1755 para que os Paços do Concelho e casas de aposentadoria fossem vendidos por serem limitados e fazerem-se novos Paços do Concelho no rossio da vila. Os Paços do Concelho mantiveram-se no Terreiro de S^{to} André até 1849, ano em que foram transferidos para o edifício do extinto Convento da Congregação de S. Filipe Nery, concedido à câmara em 1845, situado junto ao Rossio de S. João ou Rossio da Fonte Nova, denominado atualmente de Rossio Marquês de Pombal.

Em finais do mês de setembro de 1890 foi dado conta de que o teto da sala das sessões precisava de reparos, uma vez que parte do pano de teto da sala tinha abatido e era impossível reunir lá. Segundo o relatório do condutor das Obras Públicas as asnas tinham desabado e as madeiras estavam podres.

Em setembro de 1759 foi necessário consertar a estrada por onde o rei iria passar para Vila Viçosa. Em sessão de 10 de novembro de 1763 foi apresenta-



Fig. 5 - Casa da Convenção. Fotografia cedida pela Biblioteca Municipal de Estremoz/Arquivo Fotográfico

da uma ordem de Sua Majestade para se mandar fazer uma ponte de madeira no [porto] da Ribeira de Tera para por ela passar, sendo a despesa paga com o rendimento dos bens do concelho.

Durante as Guerras Liberais, em Estremoz ocorreu o chamado "Crime dos Armazéns", feito a todos os presos políticos que se achavam nos antigos Armazéns de Guerra de Estremoz.

A célebre Convenção de Evoramonte foi assinada nesta localidade do concelho de Estremoz, a 26 de maio de 1834.

Em inícios de julho de 1891 foi feito o arrendamento de uma casa no castelo para ali ser estabelecido um colégio de ensino de instrução primária e secundária.

No que diz respeito à cadeia, a sua administração nem sempre foi feita da melhor maneira. Em inícios de maio de 1893 surgiam informações de que na cadeia existiam irregularidades, abusos e escândalos e que o desempenho do carcereiro não seria o mais correto devido à sua idade e doença. Por este motivo a cadeia estava confiada à sua mulher que dava liberdade aos presos para saírem das prisões. Passados alguns dias o carcereiro pediu a sua aposentação. Já em 1812, a falta de carcereiros levou a que a cadeia tivesse ficado ao abandono o que facilitou, no dia 30 de Novembro, a fuga de várias presas.

Em 15 de fevereiro de 1894 o vereador disse ser de conveniência pedir a Sua Majestade a concessão das muralhas e fossos da vila a fim de poder explorar pedra para as obras do concelho.

Em sessão de 27 de agosto de 1894 foi dito que havia falta de casas de habitação e que era conveniente pedir a Sua Majestade declaração de utilidade publica de expropriação de um ou dois prédios no Largo D. José I, Rua Serpa Pinto, Horta do Quiton e Horta Primeira para venda ou aforamento dos terrenos com destino à construção. Em 19 de setembro de 1895 o presidente da câmara propôs fazer uma representação a Sua Majestade pedindo novamente a cedência das muralhas e fossos para alargamento da povoação. Em 6 de maio de 1898 o vice-presidente propôs que a câmara fizesse uma representação à Câmara dos Deputados para que fossem cedidos “os fortes, muralhas e fossos externos e internos, desde o forte em que se achava estabelecido o matadouro municipal, ao nascente, até ao forte ao cimo da Rua do Maufo-ro, ao poente, com a cláusula de poder

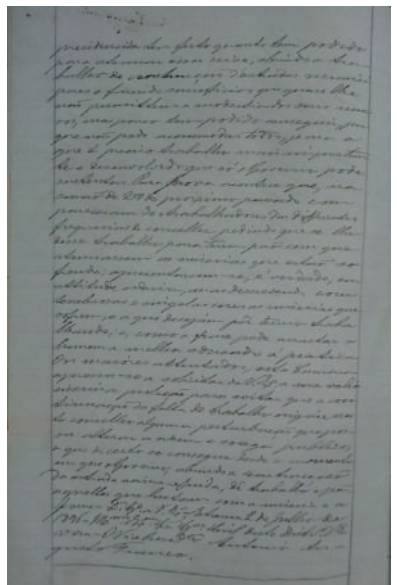
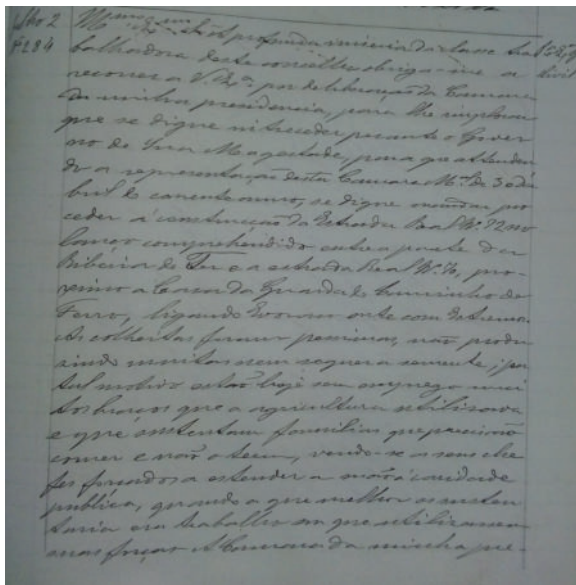


Fig. 6 - Representação ao Governador Civil sobre a construção de estradas para combater a crise de trabalho. 1894 AMETZ. Livro de Registo de Correspondência Expedida

vender os terrenos que sobrassem da abertura de ruas para edificação de casas e fábricas, e o Forte de S. José e respetiva ermida".

Em setembro 1894 Estremoz recebeu a visita do rei D. Carlos I. De acordo com a ata de 6 de junho de 1895, os festejos com a receção do rei terão custado à câmara 15\$020 reis.

Em abril de 1896 a classe trabalhadora do concelho enfrentava uma grave crise de trabalho prolongada pela prologada estiagem, fato que levou o Comendador Franco a pedir que a câmara abrisse alguns trabalhos para minorar as desgraças dos trabalhadores, inclusive trabalhos nas estradas que a câ-

mara já tinha aprovado. O presidente em sessão de 4 de maio terá ordenado dar início à continuação da construção da estrada n.º 13 – da estrada real para Monforte a S. Lourenço.

A crise terá durado algum tempo uma vez que, no mês de dezembro, trabalhadores de Veiros e Stº Aleixo compareceram na câmara para demonstrarem a miséria que estavam a sofrer devido à falta de trabalho. Em sessão de 18 de janeiro de 1897 foi atribuído um voto de louvor a Joaquim António dos Reis Tenreiro Sarzedas pelos relevantes serviços e pela ideia genial de acudir à classe de trabalhadores. No mês de fevereiro o Governo Civil autorizou a câmara a abrir por administração as obras aprovadas no orçamento em atenção à crise de trabalho.

Em dezembro de 1897 era inaugurada a estação telegráfica da vila de Veiros.

Em dezembro do ano seguinte era assunto nas sessões da câmara a mudança da Fonte do Jardim para junto da Igreja de S. João de Deus, ao fundo da Rua de Stª Catarina. Em sessão de 12 de dezembro a câmara aprovou o projeto e orçamento que importava em 782\$000 reis e deliberou que fosse a aprovação superior.

O final do ano de 1898 foi marcado pela visita da Rainha D. Amélia. Passados os festejos, a vila de Estremoz voltou à normalidade e para recordar a visita de Sua Majestade, a rua denominada Rua Nova da Praça passou a denominar-se Rua da Rainha D. Amélia. Congratulou-se a câmara e habitantes e ficou em ata um voto de profundo reconhecimento a D. Maria da Graça Reynolds Graça Zagallo.

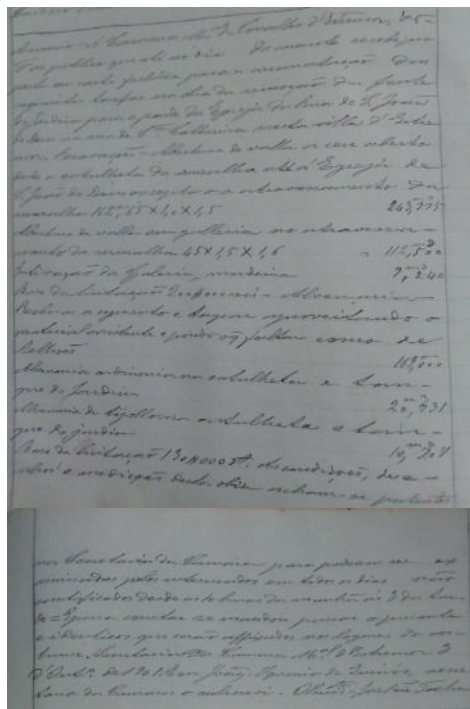


Fig. 7 - Anúncio sobre a arrematação da obra da mudança da Fonte do Jardim para a parede da Igreja da Rua de S. João de Deus. 1901AMETZ. Registo de Editais. 1891 - 1920



RECORDAR AS VISITAS REAIS A ESTREMOZ



1619 - 1898



D. FILIPE III DE ESPANHA

O PIEDOSO



Fig. 8 - Felipe III em 1617, por Pedro Antonio Vídol wikipedia.org

Nasceu em Madrid em 1578, onde também faleceu em 31 de março de 1621. Era filho de Filipe II, e de sua quarta mulher, D. Ana de Áustria. Subiu ao trono em 1598, contando vinte anos de idade.

Em 1619, Filipe III empreendeu uma viagem a Portugal, resolução que muito aplaudiu o novo ministro, o duque de Uzeda, filho do Duque de Lerma, que descaíra do valimento real, e se havia afastado da corte.

A visita de Filipe III visava fundamentalmente o cumprimento de objetivos políticos: fazer jurar pelos Três Estados o Príncipe herdeiro, vigiar de perto a Administração Pública, especialmente no âmbito da Justiça, prestigiar os funcionários régios e aproximar mais de si e da coroa castelhana os fidalgos e o povo do Reino de Portugal.¹

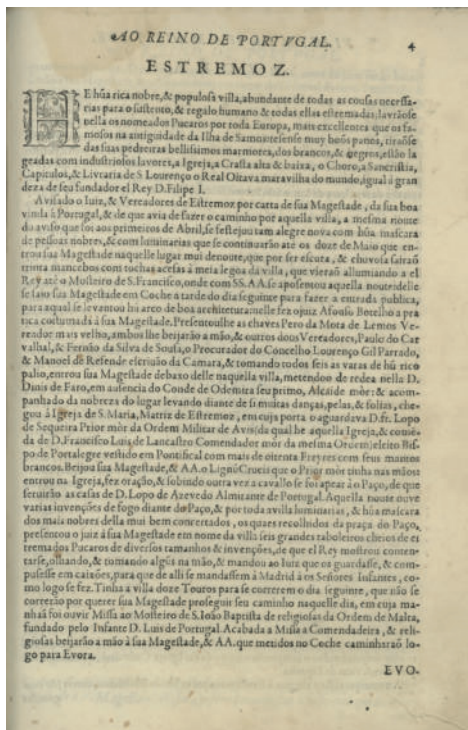


Fig. 9 - Viagem da Catholica Real Magestade dei Rey D. Filipe II N. ao Reyno de Portugal e relaçãõ do solene recebimento que nelle se lhe fez, Madrid, 1622. João Baptista Lavanha

A comitiva pisou território português a 9 de Maio, quinta-feira de Ascensão. À chegada a Elvas, efetuada já de noite, para além das autoridades locais, aguardavam Sua Majestade alguns altos funcionários régios portugueses, cujos serviços iriam ser, de facto, exercidos durante todo o tempo que durasse a régia visita. Sua Majestade instalou-se no Mosteiro de S. Domingos. As personalidades mais relevantes que visitaram o rei e os príncipes foram os Duques de Bragança e de Barcelos, D. Teodósio e seu filho D. João.

Segundo João Baptista Lavanha², Estremoz era uma rica nobre e populosa vila, abundante de todas as coisas necessárias para o sustento e regalo humano e todas elas extremadas, nela faziam-se os nomeados púcaros, mais excelentes que os famosos na antiguidade da Ilha de Samos, tinha bons panos e das suas pedreiras tiravam-se belíssimos mármore, brancos e negros. Avisado o juiz e vereadores de Estremoz por carta de Sua Majestade da sua vinda a Portugal e que havia de fazer o caminho por esta vila, desde a noite em que foi recebida a noticia, 1 de abril, que se festejou a alegre noticia com uma máscara de pessoas nobres e com luminárias que continuaram até 12 de maio, dia em que Sua Majestade chegou à vila.

CHEGADA A ESTREMOZ

Sua Majestade chegou de noite e com chuva abundante, na última parte do percurso foi acompanhado e iluminado pela luz de 30 tochas seguradas pelas mãos de mancebos que o acompanharam até ao Convento de S. Francisco, onde se acomodou.

No dia 13, o rei saiu em coche para fazer a entrada pública para a qual foi levantado um arco de boa arquitetura e nele o Juiz de Fora, João Botelho fez a prática do costume a Sua Majestade. Pero da Mota de Lemos, vereador mais velho, ofereceu-lhe as chaves da vila e todos lhe beijaram a mão. Outros dois vereadores, Paulo do Carvalhal e Fernão da Silva de Sousa, o Procurador do Concelho Lourenço Gil Parrado e Manuel de Resende, escrivão da câmara, todos eles seguraram o palio de seis varas sob o qual Sua Majestade entrou na vila acompanhado da nobreza da vila e levando à sua frente danças, pélas³ e folias. Chegando à Igreja de St.^a Maria, Matriz de Estremoz, em cuja porta

Fig. 10 - Igreja Santa Maria- Castelo.
Fotografia cedida pela Biblioteca Municipal de Estremoz/
Arquivo Fotográfico



2 - LAVANHA, João Baptista, Viagem da Catholica Real Magestade dei Rey D. Filipe II N S. ao Reyno de Portugal e rellação do solene recebimento que nelle se lhe fez, Madrid, 1622. <https://purl.pt/28507>

3 - Dança pública em que se exhibia movimentos de cabeça e braços, pulando como uma bola. Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. Volume XX



Fig. 11 - "As Meninas" (no original Las Meninas). Pintada em 1656 pelo artista espanhol Diego Velázquez (1599-1660). Atualmente ela faz parte do acervo permanente do Museu do Prado, em Madrid (Espanha).

o aguardava D. Frei Lopo de Sequeira, Prior Mor da Ordem Militar de Avis e eleito Bispo de Portalegre, acompanhado com mais de oitenta freires com seus mantos brancos, Sua Majestade beijou

a Lignum Crucis, relíquia da Santa Cruz que o prior tinha nas mãos, entrou na igreja e rezou. Nesta noite houve vários tipos de fogo diante do Paço e luminárias por toda a vila. A noite foi passada



Fig. 12 - Convento das Maltesas. Fotografia cedida pela Biblioteca Municipal de Estremoz/Arquivo Fotográfico.

no Palácio do Almirante de Portugal, D. Lopo de Azevedo. O Juiz de Fora, em nome da vila ofereceu a Sua Majestade seis grandes tabuleiros de finos púcaros de diferentes tamanhos e figuras, que o rei mandou ao Juiz de Fora colocar em caixões, para que dali se enviassem para Madrid. Seu pai, Filipe II de Espanha já era conhecedor dos púcaros de Estremoz, tanto que durante a sua estadia em Lisboa (1581/1582) mandou fazer alguns, por intermédio do seu secretário, para as suas filhas Isabel e Catarina. Os famosos púcaros voltam a surgir na pintura mais famosa de Velázquez (1656) na série de retratos da infanta Margarida de Áustria, filha do rei

Filipe IV de Espanha.

No dia seguinte, Sua Majestade assistiu à missa matinal na Igreja do Convento de S. João Baptista, da Ordem de Malta. Estava programada uma corrida de touros, que não se realizou por não querer Sua Majestade demorar a sua viagem.

A viagem de D. Filipe III a Portugal terminou em 22 de outubro, tendo entrado em Badajoz no dia seguinte. Ao deixar Portugal, o rei adoeceu gravemente vindo a falecer a 31 de março de 1621.

D. JOÃO V

O MAGNÂNIMO



Fig. 13 - Retrato por Jean Ranc (1729).
wikipedia.org

Nasceu em Lisboa em 1689, filho de D. Pedro II e da rainha D. Maria Sofia de Neuburg, reinou em Portugal durante 43 anos, tendo morrido em 1750. Casou em 1708 com D. Maria Ana de Áustria.

Em 1716 o rei D. João V decidiu visitar as praças da Província do Alentejo, mandou avisar as câmaras por cartas do Secretário de Estado, Diogo de Mendonça Corte Real. Segundo a ata da sessão de 7 de novembro de 1716, nesse ano era Juiz de Fora Plácido de Melo Pereira e vereadores Antônio Pais de Sande, Pedro Pereira de Barros e Manuel Gil Borralho e Procurador do Concelho Manuel Velez. O Juiz de Fora encarregou os almotacés de prepararem as *"camas nesasarias para El Rey*

que Deus guarde que de próximo torna a vir a esta vila e pessoas que lhe asistem e seus criados". O Senado da vila de Estremoz preparou-se para receber Sua Majestade.

CHEGADA A ESTREMOZ

O rei chegou a Estremoz no dia 2 de Novembro de 1716 e terá entrado na vila pela Porta dos Currais. O Marechal de Campo Diogo Soares de Bulhões, Governador da Praça, entregou-lhe as chaves e este com o Senado acompanharam o rei até à Capela da Rainha Santa Isabel e depois pernitoou no Convento da Congregação do Oratório. No dia seguinte continuou viagem até Vila Viçosa¹

Em janeiro de 1729 a família real seguiu rumo à fronteira do Caia onde, a 19 desse mês, ocorreu a troca de princesas entre Portugal e Espanha. O rei D. João V



Fig. 14 - Troca das Princesas no Caia, 1729. Gravura
https://en.m.wikipedia.org/wiki/File:Troca_das_Princesas_no_Caia_1729.png

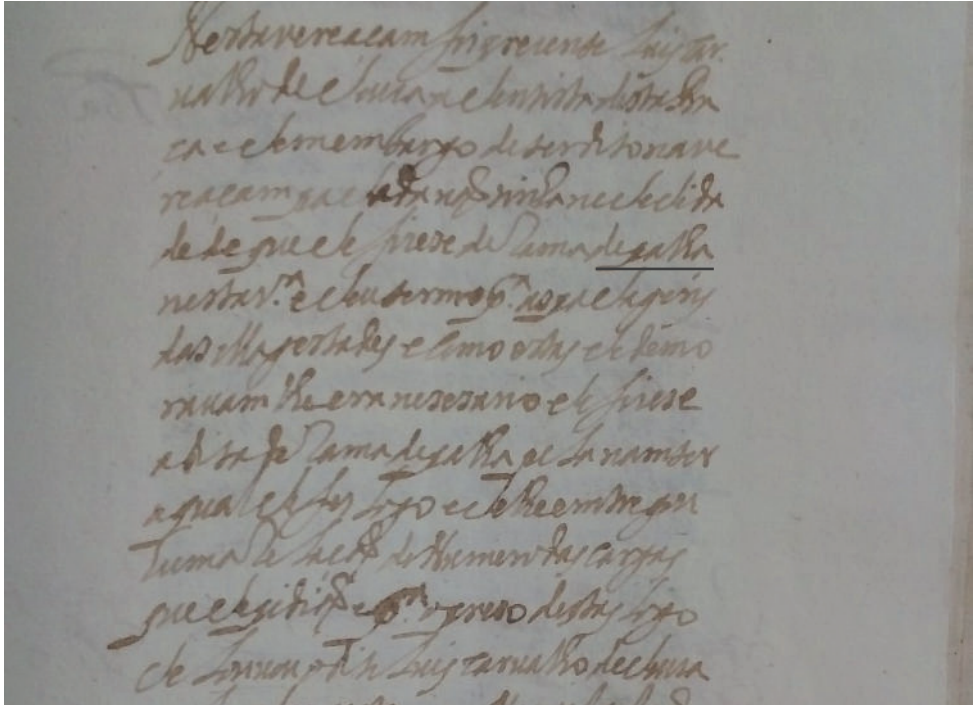


Fig. 15 - Compra de palha para a passagem de Sua Magestade. AMETZ- Ata das sessões de 19 de janeiro de 1729

recolheu-se no Palácio de Vila Viçosa. Sabendo o Senado de Estremoz que Suas Majestades iam chegar a Estremoz no dia 31 de janeiro, determinou recebê-los na forma do costume. A ata da sessão de 19 de janeiro de 1729 dá-nos conta da compra de cargas de palha para a passagem de Sua Magestade. Segundo Teresa Fonseca, era Governador da Praça Francisco Pereira de Lacerda. Sua Magestade entrou pela Porta de St.º António, onde o Governador lhe entregou as chaves e de seguida a família real visitou a Capela da Rainha Santa Isabel, freguesias e conventos da vila. Segundo José Filipe Mendeiros, D. João V ofereceu uma imagem da Rainha Santa, de madeira policromada com a coroa aberta e rosas no regaço

e durante a visita à Ermida de Nossa Senhora dos Mártires, a Rainha D. Maria Ana de Áustria ofereceu um riquíssimo vestido bordado a ouro e matiz a Nossa Senhora dos Mártires.

O rei pernoitou no Convento da Congregação do Oratório e a rainha e princesa no Convento das Religiosas Maltesas. No dia seguinte, 1 de fevereiro, continuou viagem para a cidade de Évora.

D. João V faleceu a 31 de julho de 1750, dando-se início a uma série de cerimónias e exéquias fúnebres, dentro e fora do território nacional. Em sessão de 12 agosto de 1750 foi mandado lançar pregão sobre os lutos que todas as pessoas deviam trazer pela morte do rei.



Fig. 16 - Capela da Rainha Santa Isabel. Fotografia cedida pela Biblioteca Municipal de Estremoz/Arquivo Fotográfico.



Fig. 17 - Convento dos Congregados. Fotografia cedida pela Biblioteca Municipal de Estremoz/Arquivo Fotográfico

Em sessão de 13 agosto de 1750 foi colocado em praça o risco para se fazer a essa para as exéquias de Sua Majestade somente mãos de carpinteiros, madeiras e pregos. O 1.º lanço foi de José Rodrigues, alforgeiro - 200.000 reis; 2.º lanço de José Rodrigues - 180.000 reis, 3.º lanço de Francisco Xavier - 160.000 reis e 4.º lanço de Miguel António, carpinteiro - 50.000 reis, por cujo preço se lhe mandou arrematar a dita essa na forma do risco que se lhe deu, pondo madeira e pregos à sua custa.

Em sessão de 22 de agosto de 1750 mandaram arrematar a Estevão da Lança, mestre pintor, os selados para colocar na essa e a armação para as exéquias de Sua Majestade. Por cada

um dos grandes dourados - 960 reis, por cada um dos de folha dourados - 400 reis e por cada um dos que se pusessem no altar maior, dourados - 200 reis e pelos do mesmo tamanho sem serem dourados - 100 reis e pela grade para o Arco da Capela maior - 800 reis e pelas duas cordas, cetro e bengala, as coroas douradas e os cetros e as coroas com suas pedras fingidas tudo por 2.000 reis, as varas pintadas de negro e cinco delas com as Armas Reais - 50 reis cada uma, a tingir de preto as molduras que cercam a essa onde se colocavam as tochas - 480 reis e os três selados a 200 reis cada um.

D. JOSÉ I

O REFORMADOR



Fig. 18 - Infante José, Príncipe do Brasil, futuro Rei de Portugal por Jean Ranc, 1729. Wikipédia.pt

O rei D. José I nasceu a 6 de Junho de 1714. Era filho de D. João V e sua mulher, a rainha D. Maria Ana de Áustria. Casou com a princesa espanhola D. Mariana Vitória de Bourbon , filha de Filipe V e da rainha D. Isabel Farnésio, celebrando-se a cerimónia nupcial a 19 de Janeiro de 1729. Por morte de seu pai, subiu ao trono, sendo aclamado a 7 de Setembro de 1750.

Em sessão de 4 de setembro de 1750 foi apresentada uma carta de Sua Majestade assinada do teor seguinte: “Eu El Rey vos envio munto saudar tenho re-

soluto que no dia sete do presente mes seja o da minha Coroação e Exaltação ao trono destes meus reinos e senhorios de Portugal e que na noite daquele dia hajão luminárias, repiques e salvas de artilharia em demonstração de alegria, o que me pasesfico mandar vos avisar para que como bons e lial vassallos executeis o mesmo escripto em Lisboa o primeiro de setembro de 1750”.

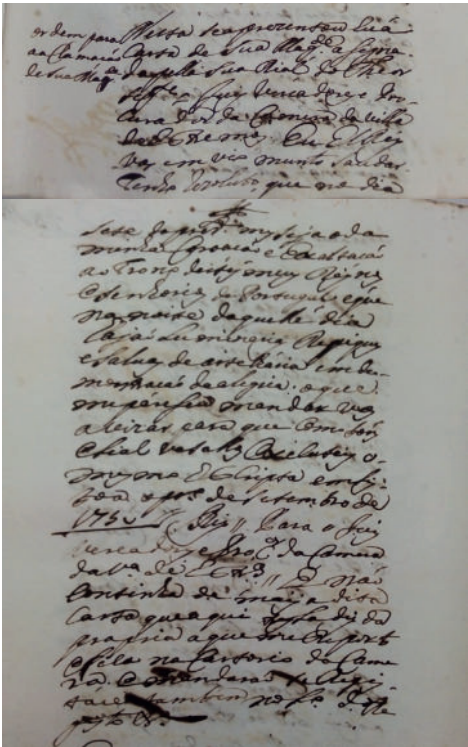


Fig. 19 - Aclamação de D. José I. AMETZ. Ata da sessão de 4 de setembro de 1750

Em execução da carta, acordaram e mandaram que se passassem os avisos necessários aos concelhos e freguesias para os repiques e lançar-se pregão pelos lugares públicos para que todos os moradores da vila pusessem luminárias na noite acima mencionada.

Em sessão de 5 de setembro de 1750, determinaram algumas coisas para o dia da aclamação de Sua Majestade e que se escrevessem cartas às freguesias e comunidades para repicarem os sinos, porem luminárias e lançasse pregão pelos lugares públicos para que no dia de segunda feira, 7 de setembro, à noite todos pusessem luminárias e que continuassem durante três noites.

Em sessão de 12 de abril de 1751, o Juiz de Fora informou que na vereação passada tinha apresentado uma carta do Secretário de Estado Diogo de Mendonça Corte Real, que foi registada no livro

de registo, em que dizia que Sua Majestade [D. José] com muita brevidade ia passar a Vila Viçosa e que mandasse colocar capazes todos os caminhos do distrito da vila para Sua Majestade passar. Segundo o Juiz de Fora, o mesmo não podia expedir esta diligência sem dinheiro, uma vez que o terreno era muito comprido e havia nas estradas públicas em mau estado, grande número de pedras que muitas delas não se podiam quebrar nem extrair das estradas sem ferro ou fogo e que muitos oficiais trabalhavam nelas. Era necessário renovarem-se algumas obras que havia na vila que foram feitas na vinda do rei D. João V. Propôs e rogou aos vereadores e procuradores que se fizessem a gasto do rendimento dos bens do concelho como era habitual em semelhantes ocasiões. Todos os moradores da vila deviam mandar cair a frontaria das suas casas da parte da rua e limpar o entulho e pedras.

Em sessão de 17 de setembro de 1759, o Juiz de Fora apresentou um aviso da Secretaria de Estado sobre o conserto das estradas por onde era costume Sua Majestade passar para Vila Viçosa. Foram notificados todos os paisanos da vila e termo para que executassem as ordens que lhe fossem distribuídas.

Em sessão de 22 de setembro de 1759 foi acordado que todos os moradores da vila lavassem as suas casas na frontaria, que as mandassem cair e que não tivessem entulho e pedras que causassem embaraço na rua, tudo até ao fim do referido mês, para Sua Majestade passar.

Em sessão de 10 de novembro de 1763 foi apresentada uma ordem de Sua Majestade para se mandar fazer uma ponte de madeira no [porto] da Ribeira



Fig. 20 - Diogo de Mendonça Corte-Real. Secretário de Estado da Marinha e dos Negócios Ultramarinos. Wikipédia.pt

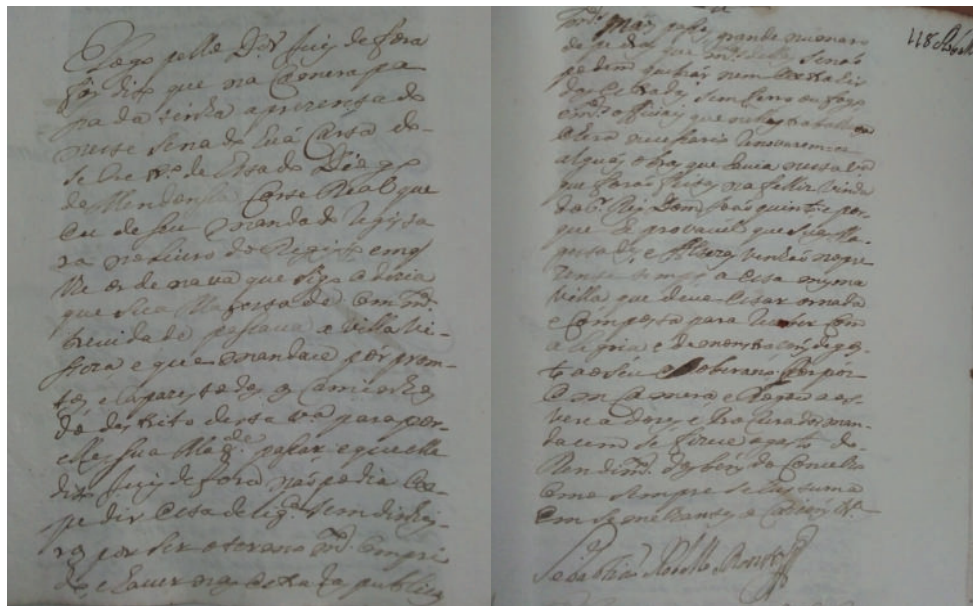


Fig. 21 - Arranjo das estradas onde o rei passava. AMETZ. Ata da sessão de 12 de abril de 1751

ra de Tera para por ela passar, sendo a despesa paga com o rendimento dos bens do concelho. Em sessão de 21 janeiro 1764 o Procurador do Concelho requereu que fosse posto em praça as madeiras e pregos da ponte mandada fazer na Ribeira de Tera para passagem de Sua Majestade.

Em sessão de 11 de abril de 1764 foi apresentado um aviso de Sua Majestade dizendo que estava em dívida as despesas feitas com as Pontes da Ribeira de Tera para a sua passagem na sua jornada de Vila Viçosa. Sendo insuficientes os rendimentos do concelho para pagar a dívida, mandou que fosse paga com o real da vila que se acha-

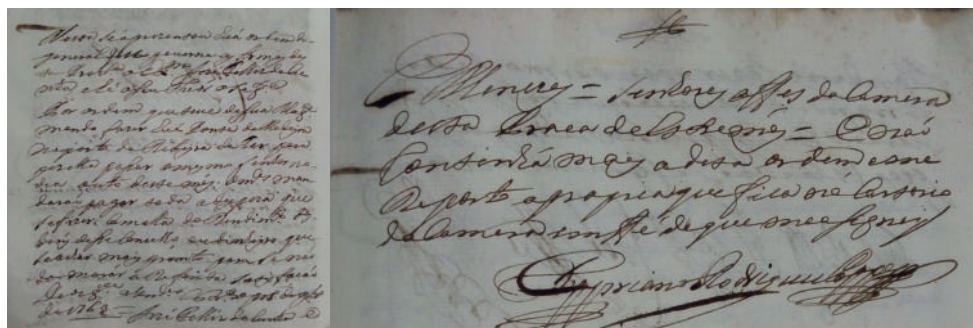


Fig. 22 - Construção de ponte na Ribeira de Tera. AMETZ. Ata da sessão de 10 novembro de 1763



Fig. 23 - Fonte das Bicas. Fotografia cedida pela Biblioteca Municipal de Estremoz/Arquivo Fotográfico

va em cofre e vender a madeira com que foram fabricadas as pontes. Toda a madeira e pregos que se achavam na dita ponte foram arrematadas por José Mendes Marrão, mestre carpinteiro, por 115.000 reis. Em sessão de 14 de abril de 1764 foi feita a liquidação da despesa que se tinha feito com as pontes de madeira mandadas fazer por Sua Majestade para a sua passagem para a corte de Vila Viçosa e desta para a de Lisboa. Foi despendido ao todo 433.985 reis, foram vendidas em praça as madeiras, pregos e mais géneros por 115.500 reis, ficando ainda em dívida 318.985 reis que se mandaram pagar do real.

D. José I faleceu em Lisboa, na Ajuda a 24 de Fevereiro de 1777. Em sessão de 3 de maio de 1882 foi deliberado que o largo de S. Francisco, largo da fonte e Rossio de S. Brás se passasse a denominar Largo D. José I.

D. CARLOS I

O DIPLOMATA



Fig. 23 - D. Carlos.
Wikipédia

D. Carlos nasceu em Lisboa, no Palácio da Ajuda, a 28 de Setembro de 1863. Filho de D. Luís I e D. Maria de Sabóia. Casa a 22 de Maio de 1886 com a filha dos condes de Paris e neta do rei de França, D. Luís Filipe, D. Amélia de Orléães, de quem vem a ter três filhos: o príncipe herdeiro, D. Luís Filipe, D. Maria Ana e o infante D. Manuel, que haveria de ser rei, o último, antes da revolução de 1910. D. Carlos subiu ao trono em 19 de Outubro de 1889, por morte de seu pai. Sua aclamação como Rei de Portugal ocorreu em 28 de Dezembro de 1889.



Fig. 24 - A Aclamação do rei D. Carlos. Occidente n.398. Revista Ilustrada de Portugal e do Extranjeiro. 11 janeiro de 1890

Em sessão de 26 de dezembro de 1889, o presidente da câmara, em sinal de regozijo da aclamação do rei, propôs que os munícipes do concelho fossem convidados a iluminarem as portarias dos seus prédios na noite de 28, cuja proposta foi aprovada.

Em sessão de 20 de setembro de 1894, o vice-presidente informou que a câmara, acompanhada de outras autoridades e cavaleiros da vila, cumpriu o seu dever de cortesia, indo à estação do caminho de ferro esperar e cumprimentar Sua Majestade no dia 18. Como o rei tencionava voltar à vila no dia 22 de setembro e passar revista às tropas que constituíam a brigada de manobras, o vice-presidente entendia que se devia fazer todos os esforços e sacrifícios para receber o rei e por isso propôs

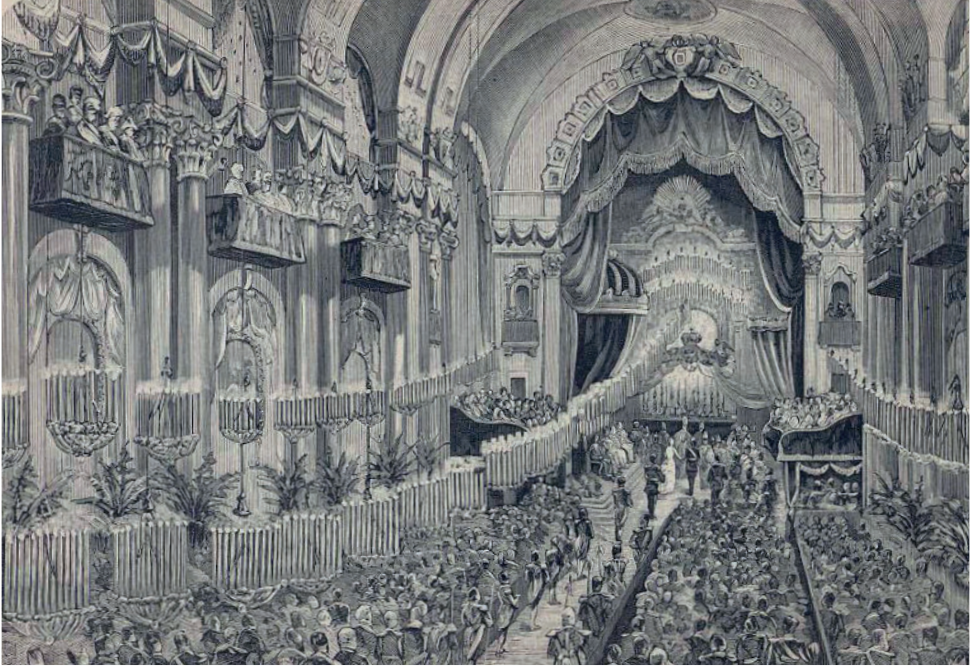


Fig. 25 - Casamento de D. Carlos de Bragança. Occidente n.268.Revista Ilustrada de Portugal e do Extranjeiro, 1 de junho de 1886

que se convidasse o rei para um *lunch* nos Paços do Concelho e que a sala das sessões fosse arranjada para receber Sua Majestade. Francisco Maria de Campos Torres, condutor das Obras Públicas, ficou encarregado de ir a Lisboa encomendar o *lunch* e ornamentar a sala. Em sessão de 27 de setembro de 1894 foi lido um telegrama, recebido no dia 21, informando que Sua Majestade aceitava o convite da câmara.

CHEGADA A ESTREMOZ

De acordo com a ata da sessão de 27 de setembro de 1894, no dia 22 de setembro, pelas três e meia da tarde, Sua Majestade entrou nos Paços do Conce-

lho. O vice-presidente manifestou o seu contentamento com as manifestações entusiásticas com que o rei foi recebido, agradecendo a todos os cavalheiros e Sua Majestade a honra que concedeu ao povo de Estremoz aceitando o convite. Propôs que fossem lançados votos de louvor e muito reconhecimento e que fosse dado conhecimento aos cavalheiros seguintes: Ministro da Guerra; Governador Civil do Distrito de Évora; Administrador do Concelho, Dr. António Júlio da Costa; Dr. Joaquim António dos Reis Tenreiro Sarzedas; Manuel Vicente Graça Zagallo, que hospedou em sua casa o Governador Civil; Dr. João da Silveira Couto Leitão; José da Gama e Sande, que hospedou em sua casa o Ministro da Guerra; Capitão José de Sande de Meneses Vasconcellos, Pro-

vedor da Justiça da 4ª Divisão Militar; Eduardo Cândido Xavier Porto, pela ornamentação das escadas dos Paços do Concelho; António da Cruz, D. Maria Rosa d' Assunção Telles, Francisco Xavier Franco Júnior, José d' Almeida e Sousa, João Reynolds e João da Silva Tavares, que emprestaram os seus trens para a câmara e convidados esperarem e acompanharem os ilustres visitantes, a D. Guilherme Reynolds que emprestou os vasos para a ornamentação da sala; ao secretário da câmara Joaquim Inácio de Queirós, ao amanuense João Duro de Campos Torres e a todos os empregados. Nesta sessão foram ainda lidos dois telegramas um do Ministro do Reino e outro do Governador Civil. Foi ainda proposto enviar um telegrama de felicitação a Suas Majestades pelos seus aniversários natalícios e o vereador Francisco Manuel Cardoso propôs um voto de louvor e reconhecimento ao vice-presidente António Augusto Franco pela sua dedicação pelo seu relevante serviço.

Em sessão de 15 de junho de 1896, o presidente da câmara propôs que na ata fosse lançado um voto de muita congratulação pela visita à Muito e Nobre e Sempre Leal Vila de Estremoz, no dia 12 de junho, de Sua Majestade El Rei D. Carlos I, do nobre Ministro da Guerra e do ilustre Governador Civil do Distrito de Évora e um voto de agradecimento ao nobre povo de Estremoz pela forma como recebeu o Augusto visitante.

No dia 1 de Fevereiro de 1908, a família real regressava de Vila Viçosa onde o rei tinha por hábito passar todos os anos a temporada de caça. No Terreiro do Paço tinha muita gente à sua espera, inclusive vários membros do governo incluindo João Franco, além dos infantes D. Manuel e D. Afonso, o irmão do rei.

Apesar do clima de grande tensão, o monarca optou por seguir em carruagem aberta para demonstrar normalidade. Quando a carruagem circulava ouviu-se um tiro e a esse outros se seguiram, com as consequências que se conhece: o Rei D. Carlos e o príncipe real D. Luís Filipe foram assassinados.



Fig. 26 - O Regicídio de D. Carlos I de Portugal e do Príncipe Real D. Luís Filipe.
Ilustração Portuguesa n.º 106, 2 de março de 1908. Edição semanal do jornal O Seculo.

D. AMÉLIA

A RAINHA QUE DEIXOU O CORAÇÃO EM PORTUGAL



Fig. 27 - Amélia de Orleães.
https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/56/Queen_Am%C3%A9lia_of_Portugal_and_Algarves.jpg

Maria Amélia Luísa Helena de Orleães nasceu em Twickenham, arredores de Londres, a 28 de Setembro de 1865, filha de Luís Filipe Alberto de Orleães, conde de Paris e da princesa Isabel de Orleães. Dona Amélia de Orleães casou com D. Carlos a 22 de maio de 1886, na Igreja de São Domingos, em Lisboa, e tiveram três filhos: os infantes Luís Filipe, Maria Ana (morreu no nascimento) e Manuel.

Em sessão extraordinária de 13 de dezembro de 1898 o vice-presidente deu conhecimento de que Sua Majestade

a Rainha D. Amélia tinha manifestado o desejo de visitar Estremoz no dia 14, pelas duas horas da tarde. Foi deliberado que se embandeirassem as ruas da vila, que a câmara e cavalheiros que desejassem acompanhar promovessem a ornamentação dos Paços do Concelho, salas das sessões, gabinete para Sua Majestade e para a dama de serviço e que fosse convidada D. Maria da Graça Reynolds Graça Zagallo para superintender as ornamentações das salas e gabinetes. Foi ainda deliberado que por meio de edital se convidassem os habitantes a ornamentar suas janelas, as damas estremocenses a aguardarem Sua Majestade nos Paços do Concelho, que se colocasse a Filarmónica União às Portas de St.º António e a Real Lusitana junto aos Paços do Concelho, que se preparasse um *lunch* para ser servido a Sua Majestade e régia comitiva, que a câmara e cavalheiros que se designassem acompanhá-la aguardassem nos limites do concelho e que se queimassem muitas girândolas de foguetes.

CHEGADA A ESTREMOZ

A visita de Sua Majestade foi minuciosamente descrita pelo jornal local *A Voz d'Estremoz*. Segundo o mencionado jornal, D. Amélia chegou a Estremoz no dia 14 de dezembro, pelas 14.30, acompanhada apenas pela sua dama de companhia e pelo senhor Charteres



Fig. 28 - Jornal A Voz d'Estremoz. 15 de dezembro de 1898. Biblioteca Municipal de Estremoz/Arquivo Fotográfico

Administrador da Casa de Bragança. Depois de receber os cumprimentos da municipalidade e convidados, a rainha entrou nos Paços do Concelho onde a aguardavam inúmeras senhoras, algumas com lindíssimos ramos. Nas escadas estavam os alunos das duas escolas, feminino e masculino, acompanhados dos professores: D. Maria Amália da Silva Fonseca e João Bernardo Gomes. Sua Majestade subiu à sala das sessões e depois de uma curta

demora visitou a escola do sexo masculino onde os alunos lhe cantaram uma alocução que ela agradeceu, saindo em seguida para a rua, a pé. Durante o percurso das janelas foram lançadas flores que deixavam as ruas atapetadas. A rainha seguiu visita pelas ruas que a câmara indicara em edital que havia distribuído. Do edital constava as seguintes ruas e locais a visitar: Rossio, Largo General Graça, Praça Luís de Camões, Rua D. Vasco da Gama, Rua das



Fig. 29 - Rua Direita, Bairro de Santiago. Fotografia cedida pela Biblioteca Municipal de Estremoz/Arquivo Fotográfico

Freiras, Rua de Mauforo saindo à Porta da Lage, Rua Direita, Arco de Santarém, onde parou para analisar uma casa de edificação Mourisca. Depois visitou o novo Asilo, a Capela da Rainha Santa Isabel, Igreja St.^a Maria e Antigo Paço de D. Manuel. Depois seguiu pela Rua dos Fidalgos, Porta da Frandina e Praça Luís de Camões. Visitou a Igreja de St.^o André onde fez uma pequena oração como havia feito na Capela da Rainha Santa Isabel e Igreja de St.^a Maria. Visitou a Igreja de S. Francisco, onde admirou o túmulo de Esteves Gatzuz e entrou na Capela do Senhor Jesus dos Passos. Seguidamente dirigiu-se ao Hospital da Santa Casa da Misericórdia onde visitou a igreja, a sala das sessões, as enfermarias, onde falou aos doentes, e a dispensa onde estavam os géneros que eram fornecidos aos doentes. A câmara tinha para oferecer a Sua Majestade um

lunch preparado pela casa Ferrari de Lisboa. A rainha agradeceu mas não aceitou pelo adiantado da hora, partindo em seguida para Vila Viçosa. A câmara e convidados acompanharam Sua Majestade até St.^o António e depois foram degustar o *lunch* cujo menu foi o seguinte:



Fig. 30 - Igreja de Santo André. Fotografia cedida pela Biblioteca Municipal de Estremoz/Arquivo Fotográfico



Fig. 31 - Publicidade da Pastelaria Ferrari.
http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/Olisperio/1947/N40/N40_master/Olisperio_N40_Out1947.PDF

Chaud: Croquettes de poutarde à la Parisienne; Petites bouchées de gibier au salpicon; Escalloppes de sole à L'Orly; Filts de perdix facis truffés; Ronds de veau à la Toulouse. **Froid:** Aloyau de boeuf glacê; Foie gras et petite caisse. Jambon de Westphalia à l'aspie; Sandwiches variées. **Entremets:** Gelée à la vanille; Glaces variées. **Dessert:** Petits fours à la Française. Bombons fins de Paris; Genoise à l'Italienne; Fruits glaces au caramel; Rebus d'oeuf et de coco; cerises glace au fondant; Amandes pralinées; Merengues à L'Espanole; Vins nationaux et liqueurs; Café et liqueurs.

Ainda de acordo com o mencionado jornal, as ruas estavam embandeiradas e a Rua Nova da Praça tinha três arcos triunfais. As salas do município estavam iluminadas e foram franqueadas ao público em seguida ao *lunch*. As duas bandas da vila deram um concerto, sendo das 7 às 9 a Lusitana e das 9 às 11 a União. Assim terminou o dia como não havia memória em Estremoz.

A empresa cerâmica *Alfacinha*, tinha preparado para oferecer a Sua Majestade uns quantos objetos de arte, mas

como esperava que a rainha voltasse ao Paço Municipal e ali a aguardava, não chegou a realizar a entrega dos seus produtos.

Em 17 de dezembro de 1898, a câmara expediu um ofício dirigido ao Conde da Ribeira Grande, Veador⁵ de Sua Majestade, agradecendo a quantia de 50.000 reis que a rainha deixou para os pobres da vila. De acordo com as disposições da rainha, a quantia entregue seria dividida em duas partes iguais e entregues aos párocos das freguesias de St.º André e de St.ª Maria, por conhecerem as necessidades das famílias a quem iam ser distribuídas.

Passados os festejos, em sessão de 19 de dezembro de 1898 o vice-presidente disse que tinha a satisfação de poder congratular-se com a câmara e com os habitantes da Muito Nobre e Sempre Leal Vila de Estremoz pela visita de Sua Majestade a Rainha D. Amélia. A rainha encarregou-o de agradecer ao povo de Estremoz a receção amável com que a receberam. Para dar cumprimento às ordens de sua Majestade propôs que o período da ata fosse integralmente publicado nos jornais da localidade. O vereador Manuel da Silva Torres para eternizar a recordação da honra que a esta vila foi designada por Sua Majestade, propôs que a rua denominada Rua Nova da Praça se passasse a denominar Rua da Rainha D. Amélia. A proposta foi aprovada. O vice-presidente propôs ainda que na ata fosse lavrado um voto de profundo reconhecimento a D. Maria da Graça Reynolds Graça Zagallo.

Alguns anos após a visita a Estremoz, a vida de D. Amélia ficou marcada pela tragédia que aconteceu em 1 de feve-

5 - Nome que se dava ao oficial-mor da casa real que servia junto à rainha ou a imperatriz, no paço ou fora dele; camarista da rainha ou do rei. Eram geralmente escolhidos entre membros da nobreza e fidalguia. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Veador>, consultado em 12/04/2022

FONTES E BIBLIOGRAFIA

FONTES MANUSCRITAS

Arquivo Municipal de Estremoz

- Livro das vereações da Câmara Municipal de Estremoz.1643 - 1646.Liv. B/A - 1
- Livro das vereações da Câmara Municipal de Estremoz.1646 - 1649. Liv. B/A - 2
- Livro das vereações da Câmara Municipal de Estremoz.1661 - 1664. Liv. B/A - 6
- Livro das vereações da Câmara Municipal de Estremoz.1688 - 1690. Liv. B/A - 13
- Livro das vereações da Câmara Municipal de Estremoz.1690 - 1693. Liv. B/A - 14
- Livro das vereações da Câmara Municipal de Estremoz.1715 - 1719. Liv. B/A - 21
- Livro das vereações da Câmara Municipal de Estremoz.1722 - 1726. Liv. B/A - 23
- Livro das vereações da Câmara Municipal de Estremoz.1726 - 1729. Liv. B/A - 24
- Livro das vereações da Câmara Municipal de Estremoz.1735 - 1738. Liv. B/A - 29
- Livro das vereações da Câmara Municipal de Estremoz.1738 - 1743. Liv. B/A - 30
- Livro das vereações da Câmara Municipal de Estremoz.1743 - 1746. Liv. B/A - 31
- Livro das vereações da Câmara Municipal de Estremoz.1749 - 1752. Liv. B/A - 33
- Livro das vereações da Câmara Municipal de Estremoz.1754 - 1756. Liv. B/A - 35
- Livro das vereações da Câmara Municipal de Estremoz.1756 - 1759. Liv. B/A - 36
- Livro das vereações da Câmara Municipal de Estremoz.1759 - 1763. Liv. B/A - 37
- Livro das vereações da Câmara Municipal de Estremoz.1763 - 1766. Liv. B/A - 38
- Livro das vereações da Câmara Municipal de Estremoz.1809 - 1815. Liv. B/A - 49
- Livro das vereações da Câmara Municipal de Estremoz.1881 - 1882. Liv. B/A - 72
- Livro das vereações da Câmara Municipal de Estremoz.1886 - 1890. Liv. B/A - 74
- Livro das vereações da Câmara Municipal de Estremoz.1890 - 1892. Liv. B/A - 75
- Livro das vereações da Câmara Municipal de Estremoz.1892 - 1896. Liv. B/A - 76
- Livro das vereações da Câmara Municipal de Estremoz.1896 - 1897. Liv. B/A - 77
- Livro das vereações da Câmara Municipal de Estremoz.1897 - 1899. Liv. B/A - 78
- Livro das vereações da Câmara Municipal de Estremoz.1907 - 1909. Liv. B/A - 82
- Livro e Tombo em que se lançam e fresladam todas as provisões, alvarás, privilégios, mercês, liberdades. PT/METZ/AMETZ/AH/CMETZ/A - 2.1620 - 1746.
- Registo de Editais. PT/METZ/AMETZ/AH/CMETZ/B/A - 3.1891 - 1920
- Livro de Registo de Correspondência Expedida. PT/METZ/AMETZ/AH/CMETZ/B/A - 27 1891 - 1896.
- Livro de Registo de Correspondência Expedida. PT/METZ/AMETZ/AH/CMETZ/B/A - 36. 1896 - 1901

MONOGRAFIAS

CRESPO, Marques,(1950). Estremoz e o seu termo municipal. Estremoz:Tipografia Brados do Alentejo

ESPANCA, Túlio (1975).Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora. Lisboa: Academia Nacional de Belas – Artes

FONSECA, Teresa (2003). António Henriques da Silveira e as Memórias Analíticas da vila de Estremoz. Estremoz:Município de Estremoz.

MENDEIROS, José Filipe (2001). Património Religioso de Estremoz. Estremoz: Município de Estremoz

PERIÓDICOS

Biblioteca Municipal de Estremoz

"AVE REGINA!", A Voz d'Estremoz, 15 de Dezembro de 1898, p.1

DOCUMENTOS ONLINE

LAVANHA, João Baptista, Viagem da Catholica Real Magestade dei Rey D. Filipe II N S. ao Reyno de Portugal e rellação do solene recebimento que nelle se lhe fez, Madrid, 1622.[Em linha]. Disponível em: <https://purl.pt/28507>, consultado em 29-03-2022.

A Viagem de Filipe III a Portugal: Itinerários e Problemática.[Em linha]. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8272.pdf>, consultado em 29-03-2022.

Cerâmicas vermelhas finas não-vidradas do Mosteiro de S. João de Tarouca.[Em linha]. Disponível em:https://www.cm-lousada.pt/cmlousada/uploads/document/file/1568/1585_original.pdf, consultado em 04/04/2022

O Magnífico Aparato: formas da festa ao serviço da Família Real no século XVIII. [Em linha]. Disponível em:<https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/13093>,consultado em 12/04/2022

A illustração portugueza: semanario: revista litteraria e artistica. 2º Ano. N.44. 17 de Maio de 1886.[Em linha] Disponível em: http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/AilustracaoPortuguesa_Semanario_1884_1890/1886/Maio/N44/N44_master/AllustPort1886MaiN44.pdf, consultado em 04/04/2022.

Illustração portugueza. N.106.2 de Março de 1908.[Em linha].Disponível em:N106.pdf (cm-lisboa.pt), consultado em 04/04/2022.

O occidente: revista illustrada de Portugal e do estrangeiro. 9º Ano. Vol. IX. Nº 268. 1 de junho de 1886.[Em linha]. Disponível em: http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/Ocidente/1886/N268/N268_master/N268.pdf, consultado em 04/04/2022.

O occidente: revista illustrada de Portugal e do estrangeiro. 13º Ano. Vol. XIII. Nº 398. 11 de janeiro de 1890.[Em linha].Disponível em: http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/Ocidente/1890/N398/N398_master/N398.pdf,consultado em 04/04/2022.

Olisipo: boletim do Grupo "Amigos de Lisboa" Ano X, n.º 40, Outubro 1947.[Em linha]. Disponível em: http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/Olisipo/1947/N40/N40_item1/P120.html, consultado em 04/04/2022.

SITES

<https://monarquiaportuguesa.blogs.sapo.pt/>

<https://pt.wikipedia.org>

<https://www.e-cultura.pt/>

www.fortalezasmultimedia.ufsc.br

<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/>

<https://www.infopedia.pt/>

<http://casacomum.org/>

<https://restosdecoleccion.blogspot.com>

<http://museudoscoches.gov.pt/pt/coche-de-d-joao-v/>



VIVE
ESTREMOZ
Viver, Investir, Visitar, Estremoz

mais informações em:

www.cm-estremoz.pt